

Inéditos de Francisco Carvalho

Outras perguntas ao vento

Que pensa o corvo do tordo?
que pensa a lápide da áspide?
que pensa o verme da plebe?
que pensa a plebe do eterno?

Que pensa a lebre da álgebra?
que pensa o tigre da intriga?
que pensa a noite da foice
que ceifa a infância das trevas?

Que pensa o remo da rima?
que pensa a rima do rumo?
que pensa o remo da rêmore?
que pensa o aroma da amora?

Que pensa o bardo do dardo?
que pensa o rato do rapto?
Que pensava Ana Bolena
rumo ao noivado da lâmina?

II

Onde estavam os deuses quando Tróia foi consumida
pelas chamas?
quando Hiroxima e Nagasáki foram esmagadas
pelas patas do cavalo atômico?
quando Roma foi incendiada por arlequins que dançavam
ao som do violino de Nero?
quando Satanás, de bigode, exterminava milhares
de judeus nos galpões do holocausto?

Gravata do morto

Ano passado, ainda ceifava
as amoras do amor.
Ainda me deslumbrava com a sensualidade
dos frutos do pomar alheio.
Ano passado, ainda bebia vodca
no bar da esquina, acreditava na humanidade,
nas mentiras expostas na vitrina.
Contava anedotas pornográficas
para uma platéia de místicos.
Ano passado, falava mal dos tucanos
e de seus charutos cubanos.
Ano passado, escrevia poemas abstratos
para os cachorros e os gatos.
Fumava ópio, bebia vinho do Porto.
Hoje sou a gravata do morto.

Da serventia das coisas

Para que serve o elogio dos mortos?
Quem não foi convidado ao banquete da papa-ceia?
A candeia que não ilumina a escuridão
dos fantasmas de pedra-sabão?
As pessoas dos verbos também amam?
Também morrem, também odeiam?
Onde estão os arlequins dos carnavais de Veneza?
Existem papagaios políglotas
com doutorado em filigranas de retórica?
No cemitério dos gansos de pólvora
também escrevem epitáfios e semeiam lágrimas?
Veneno à flor da pele da cobra?
Por quem o sino das madrugadas não dobra?

Vasto mundo

Quem ousa decifrar os enigmas do vasto mundo?
O que se passa nas engrenagens
desta máquina de pulverizar homens e deuses?
O mundo é o ventre da baleia
que nos arrasta para as entranhas do abismo?
Sabemos de tudo ou não sabemos de nada?
A morte nos espreita em cada esquina
da fugacidade do amor?
Somos o bêbado que resvala na casca de banana
e nos brinda com a taça do seu vômito?
O mundo é a eternidade provisória?
Ou não passa de um desvario dos nossos sentidos?
Que nau é o mundo em que navegamos
rumo às praias do adeus e aos pássaros em chamas?

Conversa com Drummond

A ode mais límpida
não se escreve no mármore.
Na espuma do mar
ou no tronco da árvore.
Não é a que se faz
para Marília ou Bárbara.
Para o rei dos hunos
ou para o rei dos bárbaros.
A ode mais límpida
não se aprende nas ágoras.
É a que se escreve sem versos
e sem metáforas.

Canção para um tigre

Deus dos palácios da floresta,
dourado tigre de Bengala.
Que domador feito de bronze
te pôs nas grades de uma jaula?

Quem modelou teus movimentos,
teus devaneios de cascata?
Quem pôs miragens no teu pêlo,
dourado tigre de Bengala?

Quando te embrenhas pela selva,
semeias reflexos de opala.
Que ovelha dos rebanhos míticos
deu-te a lâ, tigre de Bengala?

Sentes de longe o odor das fêmeas,
teu magnetismo se dilata.
Foste amamentado por Penélope,
dourado tigre de Bengala?

O sol cambaleia no zênite.
Subitamente a luz se refrata.
Teu olfato incendeia as nuvens,
dourado tigre de Bengala?

Com teus caninos de morfina
sangras os cervos e o primata.
Que de atavismos te incendeia,
dourado tigre de Bengala?

Que ciclope veio da lenda
e te pôs dentro de uma jaula?
Quem das alturas te governa,
dourado tigre de Bengala?

OP & seus fantasmas

1

Nos sobrados de Ouro Preto,
conspiram sombras e ausências.
Até os lacaios do reino
arrastam pedras e algemas.

Na Casa da Baronesa,
no Arraial do Ouro Podre,
palavras estranguladas
pelas tenazes da força.

Profetas do Aleijadinho,
a sete palmos do chão,
rezam pelos condenados
salmos de pedra-sabão.

A noite, uma asa de corvo,
pousa em Silvério dos Reis.
Uma sombra desce a escada
entre as grades da Cadeia.

2

Ouro Preto, sob os astros,
faz o inventário dos mortos.
O espectro do Aleijadinho
pastoreia anjos barrocos.

Expulsa a lepra das mãos,
do corpo que não se exaure.
Cinzela pombas e arcanjos
pousados nos candelabros.

Dedos de pedra-sabão,
devastados pela lepra.
Pintam madonas do gótico
com pincéis da Idade Média.

Dedos marcados a fogo
pelos estigmas de Cristo.
Dedos que sonham na infância
com os pregos do crucifixo.

3

Fantasma de Chico Rei
vem dos pântanos, das sombras.
Os seus passos de leopardo
vão para a Casa dos Contos.

Paredes inconfidentes
falam de insídias e astúcias.
Logo se instaura a devassa
nas entranhas da República.

As asas longas da noite
desabam sobre Ouro Preto.
Marília, rosa da Arcádia,
sangram versos entre os dedos.

Seduzidos por Marília,
que escuta o arrulho das fontes,
galos semeiam fanfarras
pela aurora que desponta.

Ouro Preto e seus dilemas,
seus espectros, seus fantasmas.
Seus esqueletos ilustres
nas sextas-feiras de páscoa.

Ouro Preto vai à missa
sob a luz dos candelabros.
Reza salmos pelos mortos
que mineram seus pecados.

Ouro Preto e seus fantasmas
demoram pelas esquinas
até que os sinos de bronze
acordem os galos de Minas.

Ouro Preto se debruça
nas janelas dos sobrados
para ver o Cristo morto,
que ainda semeia parábolas.

Pela Ponte de Marília,
alta noite, erra um fantasma.
Dizem que a sombra se chama
Tomás Antônio Gonzaga.

Chegam da Casa da Ópera
gemidos de violoncelos.
Corujas velam seus mortos
com silêncios amarelos.

Sussurros de chafarizes
vêm do Alto da Cabeça.
Os ponteiros dos relógios
têm gumes de adagas gregas.

Nas igrejas cor de limo,
sons de algema que se arrasta.
São esqueletos de escravos
nas sextas-feiras de páscoa.